

## GRÉCIA MODERNA: O REGRESSO AO TÁRTARO?

**Manuel Filipe Canaveira**

*Investigador Doutorado do Observatório Político*

Que a Grécia moderna seja moderna parece uma tautologia. Mas que significa isso no fundo? Significa que a razão de ser da Grécia moderna se confunde (de perto ou de longe) com a razão de ser do mundo ocidental? A questão torna-se embaraçosa. A Grécia moderna constitui-se – um pouco tardiamente – num Estado (que nunca formou um estado) e em nação moderna, liberta-se dos redutos da feudalidade muçulmana e cristã, e parece querer tornar-se livre. Ela adquire uma consciência moderna de si própria e oferece o espectáculo de uma sociedade quase real. Ela dirige-se para – e deixa-se dirigir por – as grandes potências e mantém relações muito conflituosas com a sua própria vontade de poder.

---

Este trecho de um livro de Kostas Axelos intitulado *Le destin de la Grèce moderne* (1954), mantém toda a actualidade na infeliz Grécia resgatada dos nossos dias. Percebemo-lo, desde logo, no táxi que nos conduz do aeroporto de Ηράκλειο (Heraclião) para o hotel. Como todos os taxistas da Europa meridional, tão diferentes dos seus "colegas" fleumáticos/taciturnos que nos conduzem pelas ruas de Londres, falam muito e de tudo. Mas, parece que neste momento não estão interessados nos resultados dos seus clubes de futebol, mas sim nas vitórias ou derrotas desses francos (somos nós todos, os que estão para lá do Tirreno), venezianos, otomanos ou alemães, contra os quais lutaram ao longo de séculos, todas elas amalgamadas e evocadas como se tivessem acontecido ontem. Porque a memória histórica dos neo-helenos refere-se a um tempo de tal modo longo que, na prática, é mais ideologia do que História.

O heroísmo autóctone, nesta Creta cosmopolita que recebe muitos turistas fascinados pelos tempos minoicos - que literalmente se extinguiram há muitos milénios devido a catástrofes naturais que desarticularam uma economia próspera e com tendências imperialistas (fazendo-nos lembrar que tudo perece neste mundo) -, revela-se na forma como orgulhosamente falam do tetravô que escalou as montanhas para daí fazer guerrilha aos exércitos do sultão (caldo de cultura mais propício a admirar o terrorista das guerras assimétricas do nosso tempo, do que o contrário) ou então do avô e pai que já



conheceram ou de que ouviram falar com reverência, por terem degolado um sem número de paraquedistas alemães de frente ou à traição, porque os meios não importam quando os fins o exigem.

Pode ser que tudo isto seja a bazófia de um imaginário popular já antigo, mas que na conjuntura presente serve para esconjurar um novo “inimigo” que não empunha a espada dos janízaros ou a metralhadora dos disciplinados soldados da Wehrmacht. Melhor será entrarmos numa livraria e procurarmos exemplos mais conformes à ideia ocidental de cultura ilustrada, que sempre olha com desdém a dita popular ou folclórica. Helás, parece que o sentimento de revolta neo-helénica recrudescer, ao ponto de quase pensarmos que o radicalismo das elites gregas contra a implacável lógica da globalização e do empreendedorismo propalados pelo “invasivo” capitalismo financeiro do novo milénio, ultrapassa em muito a tradicional resiliência da gente comum ao progresso, que sempre traz consigo desilusões directamente proporcionais às ilusões que semeia.

Nas estantes reservadas à História é muito natural que apareçam em evidência obras, antigas ou recentes, que evocam esse passado dominado pela figura do guerrilheiro/resistente grego que luta contra a opressão militar estrangeira. Ubíquo parece ser o livro de George Psychoundakis – *The Cretan runner* – que narra os tormentos do autor quando, com vinte anos, integrava as guerrilhas que resistiram tenazmente e até ao fim à invasão alemã de 1941. Folheio e vejo o que já esperava, ataques dos libertadores gregos aos invasores alemães sucedidas de retaliações daqueles que trazem uma nova ordem contra os “terroristas” que não a aceitam. Nada de novo, pois, no palco onde se representa o drama que é a História da Humanidade.

O caso, porém, torna-se mais grave, quando chegamos aos escaparates com os livros de economia e finanças ou de sociologia, que são as ciências humanas que se travestem de exactas para melhor veicularem a ideologia neoliberal de que hoje são servas, tal como nos anos sessenta e setenta o eram do marxismo-leninismo. Aí, a par dos “papas” do utilitarismo anglo-saxónico, “insinuam-se”, por assim dizer, os livros dos académicos gregos que, cientes de que nessa felicidade geral da utopia pós-moderna a Grécia será decerto infeliz, adoptam uma atitude crítica, ainda que desesperada, porque, como é sabido não existe alternativa, algo que todos os dias nos é recordado pelos mass media, esses dedos poderosos ao serviço da mão invisível da economia dita de mercado.

Pego no livro de Michael Mitsopoulos - que nada tem a ver com Yannis Mitsopoulos, exemplo maior dos autores helénicos de literatura negra, cujos livros se vendem como água nesta Grécia em transe, tal como sucedia com as obras de Tucholsky na Alemanha de Weimar), intitulado *Understanding the crisis in Greece. From boom to bust* (2012). Leio o texto da badana e, talvez



ligeiramente, classifico-o numa lista mental que está mais próxima do nosso cândido altermundialista Boaventura Sousa Santos, do que do ilustríssimo defunto António Borges, que, pelo menos na opinião de alguns, todos eles "influentes", ocupará na nossa história do pensamento económico um lugar em tudo semelhante ao que já têm Camões e Garrett na literatura. O livro seguinte capta mais a minha atenção de universitário em férias, talvez por ter mais gráficos e uma panóplia de quadros recheados de números e percentagens. Esqueço-me do que dizia Benjamin Disraeli, que considerava a estatística a maior mentira da política, talvez porque é uma meia-verdade; ou seja, o fermento da intrujice.

O tal livro recheado de Tables e Figures, ordenadas por 1, 1.1, 2., 2.2, 2.2a e assim por diante, foi escrito por Jason Manolopoulos e apresenta um título bem sugestivo: Greece's "odious" debt (2011). Publicado pela Anthem Press, sita na londrina Blackfriars Road, que fica, em todos os sentidos, mais próxima da Royal Stock Exchange do que da Praça Sintagma (local predilecto dos "anarcas" atenienses que, por os terem deixado sem alternativa, se dedicam à depredação dos bens públicos), começa a contar a história deste pesadelo económico em que vivemos, tomando como ponto de partida Buenos Aires e Atenas como destino. Os sub-títulos não deixam de ser interessantes, porque inesperados: Hellenic Peronism (recheada desses estudos comparativos canhestros em que são pródigos os sociólogos inexpertos, que mandam às urtigas percursos históricos, idiosincrasias e essa traquitana toda usada pelos cientistas políticos que têm a mania de querer estudar em lugar de emitir sound bites nos pretensos programas de reflexão política e económica que abundam nas televisões e rádios ocidentais, a maioria delas compradas por grandes grupos económicos.).

Do clientelismo peronista-helénico à construção de um sistema oligárquico, diz-nos Manolopoulos, vai um passo, do qual nasce um monstruoso sector público, que esmifra a sociedade grega com pesados impostos, criando um círculo vicioso onde a leis são espezinhas, o nepotismo campeia, os eufemismos pululam (para transformar projectos execráveis em reformas imprescindíveis), etc.

Para acabar com esta desordem, que tanto pode ser grega como argentina, espanhola, islandesa, irlandesa (Portugal nem figura, porque sempre há vantagens em ser pequenino e periférico) a receita tem de ser a do FMI, cujos ingredientes são os princípios do Washington Consensus; a saber: Deregulation, Liberalisation, Free Trade, Fiscal responsibility.

Nem mais! Apenas há que haver moderação nas doses, o que se consegue se os pratos forem comidos com frugalidade, para evitar indigestões, pois já ninguém defende à outrance as balelas anti-keynesianas do Hayek e do

Friedman: consensus on trade liberalisation, deregulation and privatisation did not ensure competition, which additionally requires regulation, auditing and transparency.

O que complica tudo é que até já os taxistas conhecem os Yelds, como confessa Manolopoulos (pp. 120-123). Na verdade, primeiro foram os de Berlim e Nova Iorque a preocuparem-se com os défices públicos, mas hoje já todos sabem, melhor ou pior, defender-se desta economia de casino (até as velhinhas reformadas opinam), o que traz problemas às credit rating agency.

Pois é, com os taxistas gregos e espanhóis, italianos, portugueses, porteños e outros mais a falarem com os seus amigos reformados sobre o Barings, o BPN e as Cajas espanholas, é natural que a tal private information, tão necessária à mão invisível do deificado mercado, tenha mais dificuldade em obter os dólares e euros de que a plutocracia mundial tanto gosta.

Sem sigilo, com efeito, há menos losers, mas também menos winners. Estes últimos já temem este "ratingcida" que lhes envenena o sistema neoliberal à custa do qual medraram, e de que maneira.

É aí que reside, para eles, o problema grego (e não só).

## **BIBLIOGRAFIA**

Kostas AXELOS (2013), *Le destin de la Grèce moderne*, Ed. Éditions Les Belles Lettres, col. Encre Marine

Antony BEEVOR (2005), *Crete: The battle and the Resistance*, Ed. John Murray, Londres

Jason MANOLOPOULOS (2011), *Greece's "odious" debt. The looting of the Hellenic Republic by the Euro, the Political Elite and the Investment Community*, Ed. Anthem Press, Londres.

Michael MITSOPOULOS; Theodore PELAGIDIS (2012), *Understanding the Crisis in Greece. From Boom to Bust*, Ed. Palgrave Macmillan, Londres.

Yannis MITSOPOULOS (2011), *The Killer Knows Why: Seven Riveting Stories of Crime and Intrigue*, Authorhouse Publishing, Londres.

George PSYCHOUNDAKIS (2009), *The Cretan runner*, Ed. Penguin, Londres.

C. M. WOODHOUSE (1998), *Modern Greece. A Short History*, Ed. Faber & Faber, Chatham (Kent).



## ANEXO

ATHENS — Greek Prime Minister Antonis Samaras pledged on Thursday banks would not seize the homes of borrowers unable to pay their mortgages, seeking to soothe fears that plans to lift a ban on repossessions will make thousands homeless.

International lenders, worried about a deteriorating repayment culture and rising bad loans for banks, have urged Athens to improve insolvency laws to help clear delinquent household debt, including lifting a ban on home foreclosures.

But the move to lift the freeze on forced auctions - due to expire on Dec. 31 - has provoked stiff opposition among lawmakers, including some in Samaras's two-party coalition government who have warned the issue is a red line.

“The primary residence of weak citizens and those who can prove they cannot service their debts because of the crisis will be fully protected - this is not negotiable,” Samaras said in a statement after a meeting with his deputy, Evangelos Venizelos, who is head of the Socialist PASOK party in the coalition. He said the government was looking into a set of measures which would protect vulnerable borrowers and ensure the availability of home credit. But those able to pay would not be allowed to abuse the foreclosure protection, he said.

Greece's depressed economy, pay cuts, higher taxes and an unemployment rate of nearly 28 percent have taken a toll on household budgets, making it hard for many homeowners to keep up with their loan payments.

Based on central bank data in May, 21.4 percent of home loans were delinquent in December 2012, up from 14.9 percent a year earlier, continuing to pound bank balance sheets. Finance Minister Yannis Stournaras said banks could collapse unless restrictions on foreclosures were lifted.

Greece's parliament passed a so-called facilitation plan to resolve distressed household debt earlier this year, encouraging out-of-court settlements and introducing minimum debt payments for those who qualify.

International creditors have said weaknesses in personal insolvency laws and a blanket moratorium on auctions of repossessed assets risk undermining borrowers' repayment behavior.

Greece's main anti-bailout opposition party was quick to criticize any talk of lifting the ban on property foreclosures.

“The government is blindly fixated on implementing a criminal policy that pushes more and more citizens into unemployment and desperation,” the leftist SYRIZA party said.

Property foreclosures have triggered protests in Spain and other indebted, crisis-hit European countries.

Reuters, 22 de Agosto de 2013

**OBSERVATÓRIO POLÍTICO**

Av. Elias Garcia, nº 123 – 7ºE  
1050-098 Lisboa PORTUGAL  
Telf. (00351) 21 820 88 75  
geral@observatoriopolitico.pt

Para citar este trabalho/ To quote this paper:

CANAVEIRA, Manuel Filipe «Grécia Moderna: o Regresso ao Tártaro?», *Working Paper #34*, Observatório Político, publicado em 30/09/2013, URL: [www.observatoriopolitico.pt](http://www.observatoriopolitico.pt)

**Aviso:**

Os working papers publicados no sítio do Observatório Político podem ser consultados e reproduzidos em formato de papel ou digital, desde que sejam estritamente para uso pessoal, científico ou académico, excluindo qualquer exploração comercial, publicação ou alteração sem a autorização por escrito do respectivo autor. A reprodução deve incluir necessariamente o editor, o nome do autor e a referência do documento. Qualquer outra reprodução é estritamente proibida sem a permissão do autor e editor, salvo o disposto em lei em vigor em Portugal.